

Soberbo, o roliço Buck Mulligan veio do cimo das escadas, trazendo uma bacia com espuma de sabão sobre a qual um espelho e uma navalha se cruzavam. Um roupão amarelo, descingido, era gentilmente sustido detrás pela suave brisa matinal. Elevou a bacia e entoou:

— *Introibo ad altare Dei.*

Deteve-se, perscrutou o fundo da escura escada em caracol e chamou com rudeza:

— Suba, Kinch. Suba, seu jesuíta medroso.

Solenemente avançou e subiu à plataforma de tiro redonda. Fez meia-volta e abençoou gravemente três vezes a torre, o campo circundante e as montanhas que despertavam. Então, ao reparar em Stephen Dedalus, inclinou-se para ele e traçou rápidas cruces no ar, gorgolejando na garganta e meneando a cabeça. Stephen Dedalus, desagradado e sonolento, apoiou os braços no cimo do corrimão e olhou friamente a cara meneadora e gorgolejante que o abençoava, equina no comprimento, e o cabelo claro sem tonsura, veiado e matizado como carvalho pálido.

Buck Mulligan espreitou um instante por baixo do espelho e cobriu lesto a bacia.

— À caserna, volver! — disse severamente.

Acrescentou em tom de pregador:

— Pois isto, ó bem-amados, é a genuína Cristina: corpo e alma e sangue e chagas. Música lenta, por favor. Fechai os vossos olhos, cavaleiros. Um momento. Um pequeno problema com estes glóbulos brancos. Silêncio, todos.

Perscrutou de lado as alturas e lançou um longo e grave assobio de chamada, depois fez um instante de pausa em atenção extática, os dentes brancos regulares brilhando aqui e ali pontilhados de oiro. Crisóstomo. Dois assobios fortes e estridentes responderam através da calma.

— Obrigado, meu velho — exclamou com vivacidade. — Assim está ótimo. Desligue a corrente, está bem?

Saltou da plataforma de tiro e olhou gravemente para o seu observador, arrepanhando em volta das pernas as abas soltas do roupão. A cara roliça e sombreada, a queixada carrancuda e oval lembravam um prelado, patrono das artes na época medieval. Um sorriso prazenteiro despontou-lhe discretamente nos lábios.

— A piada disso — disse jovial. — Esse seu nome absurdo, um grego antigo!

Apontou o dedo num gesto amistoso e dirigiu-se ao parapeito, rindo consigo mesmo. Stephen Dedalus subiu, seguiu-o acabrunhado até meio caminho e sentou-se na borda da plataforma de tiro, olhando-o em silêncio enquanto ele apoiava o espelho no parapeito, mergulhava o pincel na bacia e ensaboava faces e pescoço.

A voz divertida de Buck Mulligan prosseguiu.

— O meu nome também é absurdo: Malachi Mulligan, dois dácilios. Mas soa helénico, não soa? Saltitante e solar como o gamo em si. Temos de ir a Atenas. Você vem se eu conseguir que a tia largue vinte libras?

Pôs de lado o pincel e, rindo com gosto, exclamou:

— Será que ele vem? O jejuado jesuíta.

Cessando, começou a barbear-se com cuidado.

— Diga-me, Mulligan — disse Stephen calmamente.

— Sim, querido?

— Quanto tempo vai ficar Haines nesta torre?

Buck Mulligan exibiu uma face barbeada por cima do ombro direito.

— Meu Deus, não é terrível? — disse com franqueza. — Um saxão ponderoso. Acha que você não é um cavalheiro. Meu Deus, estes malditos ingleses. A rebentarem de dinheiro e indigestão. Lá porque vem de Oxford. Sabe, Dedalus, você tem o verdadeiro estilo de Oxford. Ele não pode compreendê-lo. Oh, o nome que arranjei para si é o melhor: Kinch, lâmina-de-faca.

Barbeou cautelosamente o queixo.

— Ele passou a noite inteira a delirar com uma pantera negra — disse Stephen. — Onde está o estojo da arma dele?

— Um lunático desgraçado — disse Mulligan. — Você ficou com cagufa?

— Fiquei — disse Stephen com energia e medo crescente. — Aqui no escuro com um sujeito que não conheço, a delirar e a gemer que dava um tiro numa pantera negra. Você salvou tipos de se afogarem. Mas eu não sou herói. Se ele fica aqui eu vou-me embora.

Buck Mulligan franziu a testa para a espuma na lâmina da navalha. Saltou do seu poleiro e começou a rebuscar sofregamente nos bolsos das calças.

— Trampa! — gritou grosseiramente.

Foi até à plataforma de tiro e, metendo uma mão no bolso superior de Stephen, disse:

— Concedei-nos o empréstimo do vosso moncoso para limpar a minha navalha.

Stephen consentiu que ele retirasse e exibisse seguro por uma ponta um lenço de assoar sujo e amarrotado. Buck Mulligan limpou a lâmina da navalha meticulosamente. Depois, fitando o lenço, disse:

— O moncoso do bardo. Uma nova cor artística para os nossos poetas irlandeses: verde-ranho. Quase que se pode saboreá-lo, não pode?

Subiu outra vez para o parapeito e contemplou dali a baía de Dublin, o seu louro cabelo carvalho-pálido agitando-se ao de leve.

— Meu Deus — disse calmamente. — Não é o mar como Algy lhe chama: uma cínzea e doce mãe? O mar verde-ranho. O mar escroto-constritor. *Epi oinopa ponton*. Ah, Dedalus, os gregos! Tenho de lhe ensinar. Tem de os ler no original. *Thalatta! Thalatta!* É a nossa imensa e doce mãe. Venha cá ver.

Stephen levantou-se e dirigiu-se ao parapeito. Apoiando-se nele olhou em baixo a água e o barco-correio saindo a boca do porto de Kingstown.

— Nossa mãe poderosa — disse Buck Mulligan.

Desviou abruptamente os grandes olhos inquisitivos do mar para a cara de Stephen.

— A tia acha que você matou a sua mãe — disse ele. — É por isso que ela não quer que eu me dê consigo.

— Alguém a matou — disse Stephen lugubrememente.

— Você podia ter-se ajoelhado, que diabo, Kinch, quando a sua mãe moribunda lhe pediu — disse Buck Mulligan. — Eu sou tão hiperbóreo quanto você. Mas pensar na sua mãe a suplicar no último suspiro para você se ajoelhar e rezar por ela. E você recusou. Há qualquer coisa de sinistro em si...

Interrompeu-se e voltou a ensaboar ligeiramente a outra face. Um sorriso tolerante arqueou-lhe os lábios.

— Mas um pantomineiro encantador — murmurou para si. — Kinch, o mais encantador dos pantomineiros.

Barbeou-se por igual e com cuidado, em silêncio, seriamente.

Stephen, um cotovelo pousado no granito rugoso, apoiou a palma da mão na testa e contemplou a borda puída da manga preta e lustrosa do

seu casaco. Uma dor, que não era ainda a dor do amor, roía-lhe o coração. Silenciosamente, num sonho, ela viera ter com ele depois da morte, o seu corpo consumido dentro das folgadas mortalhas castanhas, exalando um odor a cera e pau-rosa, o seu hálito, que inclinara sobre ele, mudo, reprovador, um vago odor a cinzas húmidas. Através da borda coçada do punho via o mar saudado como a imensa e doce mãe pela voz bem-nutrida a seu lado. O anel da baía e a linha do horizonte retinham uma massa opaca de líquido verde. Uma bacia de porcelana branca ficara à cabeceira do seu leito de morte contendo a viscosa bílis verde que ela arrancara do fígado putrefacto em acessos de altos vômitos gementes.

Buck Mulligan limpou de novo a lâmina da navalha.

— Ah, pobre corpo-de-cão! — disse ele com voz afável. — Tenho de lhe dar uma camisa e uns quantos moncosos. Que tal as calças em segunda mão?

— Ficam-me bastante bem — respondeu Stephen.

Buck Mulligan atacou a covinha por baixo do lábio inferior.

— O cómico disse — disse ele com satisfação — é que em segunda perna é que elas deviam ser. Sabe Deus que quebra-esquinas as pôs de parte. Tenho um belo par às riscas, cinzentas. Você ficaria estupendo nelas. Não estou a brincar, Kinch. Você fica bem como o diabo quando se arranja.

— Obrigado — disse Stephen. — Se são cinzentas não as posso usar.

— Não as pode usar — disse Buck Mulligan à sua cara no espelho.

— Etiqueta é etiqueta. Mata a mãe mas não pode usar calças cinzentas.

Dobrou a navalha meticulosamente e com pancadinhas da polpa dos dedos sentiu a pele macia.

Stephen desviou a sua contemplação do mar para a cara roliça com os seus olhos móveis de azul-fumado.

— Aquele fulano com quem eu estive no Ship ontem à noite — disse Buck Mulligan — diz que você tem p. g. i. Está lá em Dottyville com Conolly Norman. Paralisia geral do insano!

Varreu o ar com o espelho em semicírculo para difundir o fulgor da notícia na luz do sol já radiante sobre o mar. Os seus escanhoados lábios desdenhosos riram e o fio dos dentes brancos e cintilantes. O riso acometeu todo o seu tronco robusto e compacto.

— Olhe para si — disse ele —, seu bardo medonho.

Stephen inclinou-se para a frente e perscrutou o espelho segurado diante de si, fendido por uma racha recurva, os cabelos em pé. Como ele e outros me vêem. Quem me escolheu esta cara? Este corpo-de-cão a precisar de ser espulgado. Também ele mo pergunta.

— Surripiei-o do quarto da criadita — disse Buck Mulligan. — Ela teve o que merece. A tia arranja sempre uns estafermos para o Malachi. Não o deixa cair em tentação. E chama-se Ursula.

Rindo de novo, afastou o espelho dos olhos perscrutadores de Stephen.

— A raiva de Caliban por não ver a sua cara num espelho — disse ele. — Se ao menos Wilde estivesse vivo para o ver.

Retrocedendo e apontando, Stephen disse com amargura:

— É um símbolo da arte irlandesa. O espelho rachado de uma criada.

Buck Mulligan enfiou subitamente o braço no de Stephen e caminhou com ele em redor da torre, a navalha e o espelho a chocalhar no bolso onde os metera.

— Não é justo fazer pouco de si desta maneira, Kinch, pois não? — disse ele afavelmente. — Deus sabe que você tem mais valor do que qualquer deles.

Novamente à defesa. Ele teme a lanceta da minha arte como eu temo a da sua. A pena acerada e fria.

— Espelho rachado de uma criada. Diga isso ao boi oxoniano do andar de baixo e saque-lhe um guinéu. Ele tresanda a dinheiro e acha que você não é um cavalheiro. O velho dele fez fortuna a vender jalapa aos zulus, ou outro raio de intrujice qualquer. Meu Deus, Kinch, se você e eu pudéssemos ao menos trabalhar juntos havíamos de fazer alguma coisa pela ilha. Helenizá-la.

O braço de Cranly. O seu braço.

— E pensar que você tem de mendigar desses porcos. Eu sou o único que sabe o que você é. Porque não confia mais em mim? O que é que lhe cheira contra mim? É o Haines? Se ele fizer algum barulho aqui trago o Seymour e damos-lhe uma desanda pior do que a que deram a Clive Kempthorpe.

Gritos juvenis de vozes endinheiradas nos aposentos de Clive Kempthorpe. Rostos-pálidos: agarram-se à barriga a rir, abraçando-se uns aos outros, ai, que eu vou expirar! Dê-lhe as notícias com delicadeza, Aubrey! Vou morrer! Com tiras rasgadas da camisa açoitando o ar, ele pula e cambaleia em volta da mesa, com as calças caídas pelos calcanhares, perseguido pelo Ades do Magdalen com a tesoura de alfaiate. Uma cara de bezerro assustado dourada de marmelada. Não quero que me baixem as calças! Não se armem em bestas comigo!

Gritos pela janela aberta sobressaltando o entardecer no pátio. Um jardineiro surdo, de avental, mascarado com a cara de Matthew Arnold, empurra a sua máquina de cortar pela relva sombria, observando atentamente as partículas dançantes de herbifolhas.